

~ A LUZ QUE NOS ILUMIA ~
IMAGENS E DIZERES DA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO
ORIUNDA DO PARQUE NACIONAL GRANDE SERTÃO VEREDAS

~ A LUZ QUE NOS ILUMIA ~
IMAGENS E DIZERES DA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO
ORIUNDA DO PARQUE NACIONAL GRANDE SERTÃO VEREDAS



~

Deus vos salve a claridade

Deus vos salve a luz do dia

Deus vos salve a luz do sol

A luz que nos ilumia

O sol para sair pede licença ao senhor

Quando sai joga seus raios por cima do resplendor

Deus vos salve a luz do sol

Que é o mistério mais profundo

Quando sai joga seus raios

Nas quatro partes do mundo.

O sol tem seu relógio que nunca andou atrasado

Ele serve de sinal para um verbo encarnado

O clarão da lua cheia

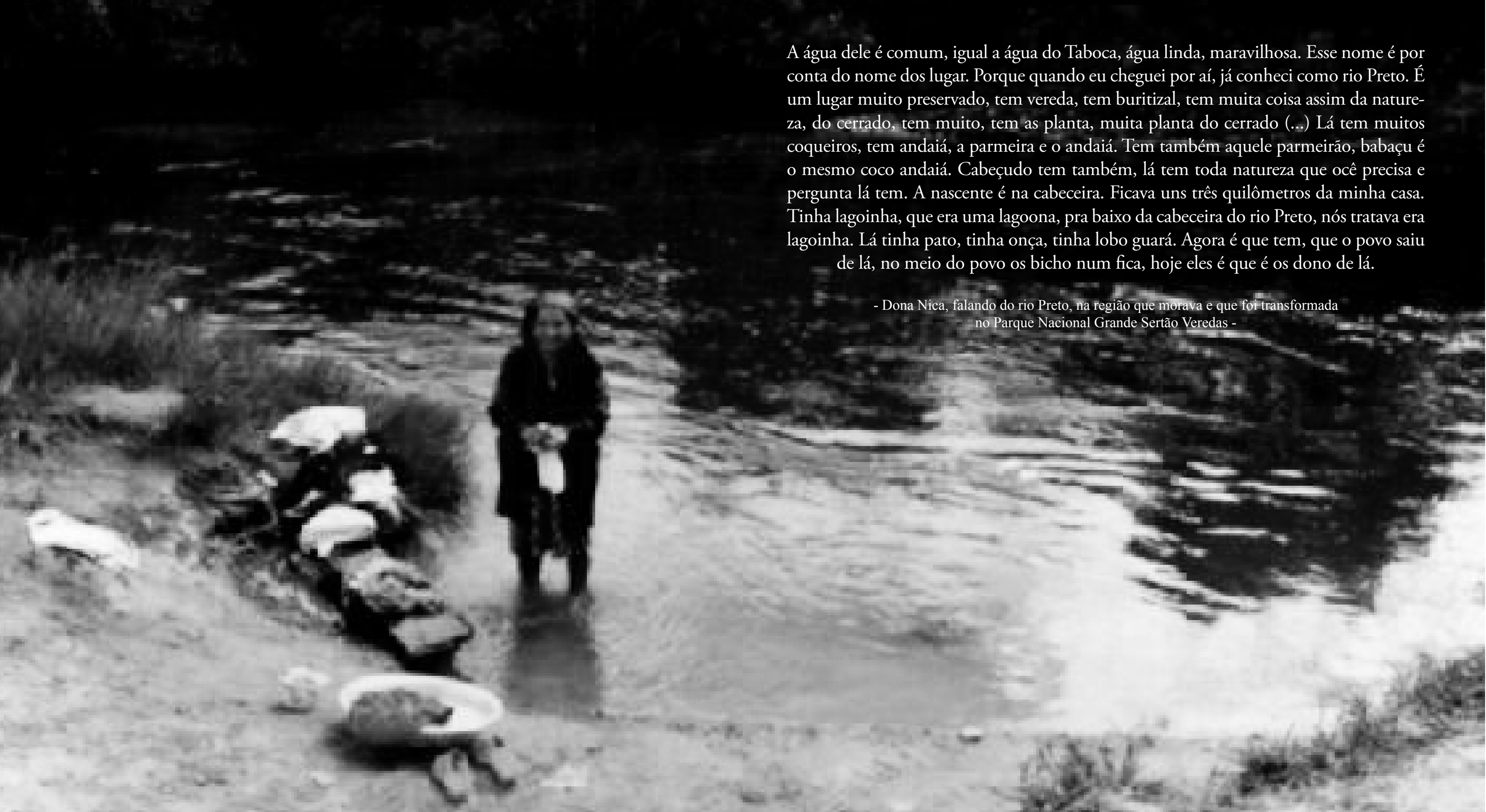
É um sinal da primavera

O sol faz sua marcha

E por ninguém ele não espera

~

- Cantorio de agradecimento do pouso de folia, por Seu Otaciano -



A água dele é comum, igual a água do Taboca, água linda, maravilhosa. Esse nome é por conta do nome dos lugar. Porque quando eu cheguei por aí, já conheci como rio Preto. É um lugar muito preservado, tem vereda, tem buritizal, tem muita coisa assim da natureza, do cerrado, tem muito, tem as planta, muita planta do cerrado (...) Lá tem muitos coqueiros, tem andaiá, a parmeira e o andaiá. Tem também aquele parmeirão, babaçu é o mesmo coco andaiá. Cabeçudo tem também, lá tem toda natureza que ocê precisa e pergunta lá tem. A nascente é na cabeceira. Ficava uns três quilômetros da minha casa. Tinha lagoinha, que era uma lagoona, pra baixo da cabeceira do rio Preto, nós tratava era lagoinha. Lá tinha pato, tinha onça, tinha lobo guará. Agora é que tem, que o povo saiu de lá, no meio do povo os bicho num fica, hoje eles é que é os dono de lá.

- Dona Nica, falando do rio Preto, na região que morava e que foi transformada no Parque Nacional Grande Sertão Veredas -







Antes as casas eram mais de palha, agora tem mais de alvenaria. Mas de palha não é porque o pessoal queria, mas era porque a condição era aquela. Era o jeito de fazer, dos recursos naturais que tinha. Ela é boa, mas de cinco em cinco anos tem que trocar o telhado. Até pra deslocar de um lugar pra outro, muda também as condução, que antes andava a cavalo. De primeiro nós morava no Parque, o pessoal ia pra Januária a cavalo, de carro de boi, gastava doze dias de viagem. Nós ia pra Arinos fazer compra e e ia a cavalo, não tinha carro. Mas pra Arinos era dois ou três dias. O primeiro carro que eu vi eu tinha dez anos, fiquei até com medo dele. Hoje já mudou, hoje de cavalo ninguém guenta mais andar, o pessoal só anda só de carro. Quem tem cavalo anda aqui pertinho, três quilômetros, dois quilômetros. De primeiro o pessoal

vinha lá do Parque até Formoso a cavalo. Só na folia que ainda gira a cavalo, onde for longe, onde for perto tem região que ainda gira a pé, mas aqui ainda usa cavalo.

Já perdeu muita coisa que a gente via no tempo passado mesmo, agora não vê mais não. Que fica só uma pessoa ou duas que sabe e já fica sozinho e vai deixando também. Vai mudando, o tempo vai passando e a gente nem vê. Quando dá fé você já ta em outro mundo, em outra sabedoria mais diferente, sem perceber

- Idelino, sobre o passar do tempo e as mudanças -



“...a mandioca chama ‘mãe’, serve pra tudo. A gente tendo farinha em casa é bom demais. Se tiver farinha não precisa arroz, não. Come farinha com café, faz até uma sopa.”

Uma senhora do Assentamento, que desde criança faz farinha, tem como opinião o valor da farinha: “A importância pra mim é que eu gosto mesmo de farinha. Não como sem farinha! E o polvilho serve pra fazer um beiju, um biscoito frito, um pão de queijo... a gente mora na roça, tem que aprender tudo da roça e trabalhar mesmo... é no sofrimento mesmo. [a farinha] é importante pra toda a comunidade.”





“Quando acaba a folia dobra a bandeira no mastro bem enroladinha, se é do mesmo imperador ele embrulha ela bem embrulhadinha, enrola bem enroladinha e guarda ela. Geralmente a bandeira fica na casa do imperador, se é dele. Acontece que tem muito imperador que é imperador, mas não tem o mastro do santo, acontece que ele pede emprestado na mão de quem tem, às vezes tem uma pessoa que tem e não é imperador naquela época e aí ele vai e toma o mastro dele. A de Santa Luzia é do Seu Tercílio, que todo ano ele reza Santa Luzia. A de Reis acho que deva ficar na casa do imperador, porque ele reza três anos e os três anos fica na casa dele, depois dos três anos ele entrega pra outro. Se ele completou os três anos, que são três Reis Magos, nem que ele falhe dez anos de rezá, mas ele tem que fazer três vezes. Então ali quando ele arrematar a última, então ele pode arranjar o mastro pra outro.”

- Seu Máximo -

“Faz um coração. É, todo mundo a cavalo, faz uma fila, um pra um lado, e outro pra outro, aí faz com o retrato (bandeira) da direita né, o retrato pra um lado e a caixa pro outro. Isso é uma saudação. Aí termina vai pra dentro da casa. Vai pro altar, canta no altar, aí lá pras onze horas, reza, tem a entrega da folia. Aí depois que entrega a folia, quem quiser dançar forró, fazer outros tipos de dança pode.”

- Antônio Ferro Velho -





~
ACORDAI SÃO JOÃO, PARA AS REZA, A FESTA, O MONTIFESTI.
SÃO PEDRO, SÃO PAULO E TODOS OS SANTOS DA COR
DO CÉU E DA TERRA
~

(Reza da Folia de São João entoada por Dona Luciana, da comunidade Cajueiro)





“Essa é de braço, cê me dava
um braço eu te dava outro. Cê
me dava esse braço e aí eu dava
esse, cê me dava aquele e aí eu
dava o outro. Mas era lindo,
é parecendo o tamanduá.
Um canta e os outros
responde, era bom demais.”

- Dona Nica, lembrando as danças de roda -



“Com as pessoas de mais idade, nós aprendia e aí ia todo mundo brincá. Ia vendo os outros, os outros ia brincá botava nós. Minino com véi, com tudo, era uma roda sozinha. Era bonita mesmo. Juntava Antônia, Manelina, Derfonsa, minha tia Antônia, Elvira, cumade Lú, cumade Gemira (Argemira), muié do finado Gersino preto. Esse povo todo e era um festão aí tava animado, um jogava verso, outro jogava verso ali. Tinha sanfona, pandeiro, tinha caixa ia batendo ali e ficava bonito. Mas a gente hoje vai esquecendo tudo, vai acabando tudo e vai ficado por esquecido.

Oh minina já farreei nestes dias de minha vida!”

- **D. Arcanja** -

“Aquilo cabou, aquelas músicas véia. Naquele tempo era, aquilo cabou, aquelas música véia, só que tão recordando de novo. Vamos trazer uma homem lá de Formoso pra nós fazer a recordação de novo, aquelas guaiania véia, aquelas catira, nós tamo recordando de novo. Quando cantava uma catira, depois que acabava de cantar tinha o recorte. Todas as catiras aqui tinha recorte. Tinha que cantá a guaiania e depois tinha o recorte dela, com o pisado tudo diferente. É que a música é diferente, o batido assim. Tinha muitos tipos, eles cantava demais, mas hoje não. Os povo já deixou, né.”

- **Zé Pela Porco** -

“É, o povo fala isso, que a folia não pode cruzar duas vezes o mesmo caminho, mas eu acho que se cruzar não morre não. Lá no morro do buraco (...), lá são poucas passagens. É o seguinte, você tem que passar, ela gira lá dentro, gira mais de mil vezes, roda pra ali, roda pra aqui, entende?”

- **Gumercindo** -

“já tava bonito mesmo, já tava tudo preparado pra dançar dentro da casa. Era a gente mesmo pra cantar e bater e dançar. Tocar era difícil, viola tocava mais e hoje inda toca. Aí era dançar, chegava a suar. Molhava a camisa, molhava a roupa, dançava era pulando, né. Era homem, mulher, criança, quem soubesse dançava. Tinha vez que minino entrava, errava aí, era graça. Quanto mais os mais véi de idade gostava de dançar, brincar assim, era todo mundo.”

“De primeiro as muié fazia uma saia rodada pra dançar, pra ela rodar. Comprava o pano pra fazer a saia baiana, que tem aqueles, rodado, aí quando rodava ficava aquelas rodona.”

- **D. Nica** -

Era bonito, era coisa importante. Juntava as parentaia, ia juntando aquelas mocinha nova. Que de primeiro era outra coisa, a criação era outra coisa, cê sabe que hoje cabou tudo. Hoje deferencou tudo. Foi cabando, foi cabando. Que as pessoas de idade foi afastando, ficou essa mocidade e essa mocidade num liga. Porque cê sabe, essa mocidade... se você for cantar, fazer uma roda aqui, fazer uma brincadeira, eles fazem é caçar.

Então vai acabando. Se reunir as pessoas que era mais ou menos, que gosta, inda tem. Mas só se reunir. Uma vez veio Manuele, Neli, veio Deja mais as minina, veio Veriano, e aí foi um bando de gente. E trouxeram uns pernis, trouxeram muito peixe, os minino foram e pegaram peixe e trouxeram um quarto de leitão. Fizeram um fogão lá debaixo daquele é de abacate. Mané e mais Deja é quem foram os assador lá. Deja é quem veio fazer o peixe pra todo mundo cozido e assado, eles assaram lá. E aí foram brincá lá no terreiro, brinca até a hora que o dia amanheceu. Faz tempo.”

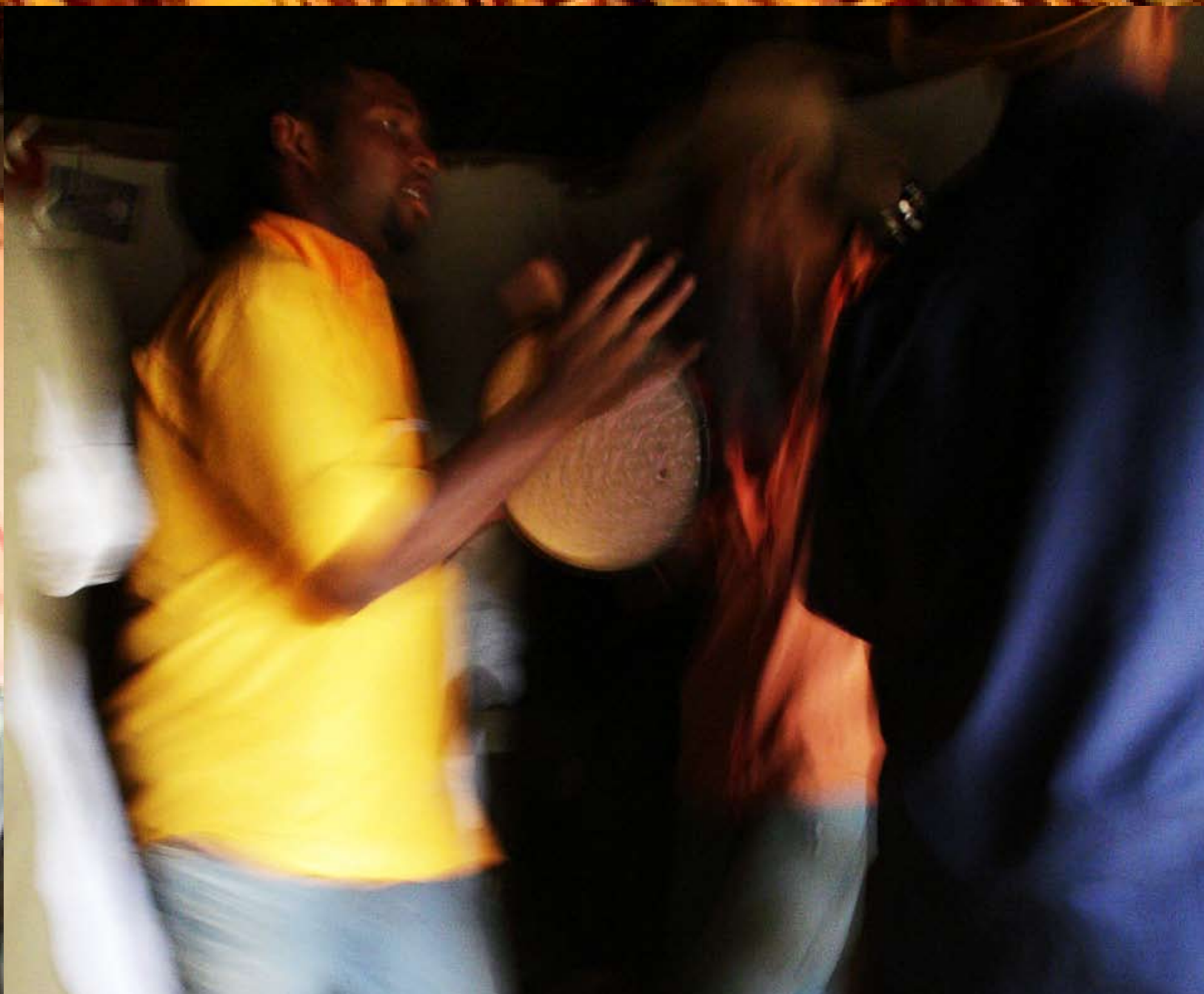
- **D. Arcanja** -

“Enche um tachão de carne. Corta mais de um quarto de carne e bota pra cozinhar dentro de um tacho e senta a gordura. Cozinha até desmanchar. Folião chegou, cantou, aí vai despachar comida pro povo. Depois que passa a entrega da folia tem um café pra todo mundo com bolo.”

- **Seu Eduardo** -

“Curraleira é uma dança, eles faz aquele círculo de lá e de cá. Sempre o terno é oito e agora faz um círculo ao redor, lá por fora com os instrumentos. Aí quando começa a curraleira eles vão cantando

e andando e aí depois que eles canta aí vai trocar. Uns passa pra lá, outros passa pra cá. Quando chegar lá no lugar que eles começaram, eles torna a fazer.”
(Seu Eduardo)









Mas, por entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes, mesmo no alto, em depressões no meio das chapadas) há as veredas. São vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas há sempre o buriti. De longe a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. A vereda é um oásis. Em relação às chapadas, elas são, as veredas, de belo verde-claro, aprazível, macio. O capim é verdinho-claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros. [...] Há veredas grandes e pequenas, compridas ou largas. Veredas com uma lagoa; com um brejo ou pântano; com pântanos de onde se formam e vão escoando e crescendo as nascentes dos rios; com brejo grande, sujo, emaranhado de matagal (marimbu); com córrego, ribeirão ou riacho. [...] Nas veredas há às vezes grandes matas, comuns. Mas, o centro, o íntimo vivinho e colorido da vereda, é sempre ornado de buritis, buritiranas, sassafrás e pindaíbas, à beira da água. As veredas são sempre belas.

Guimarães Rosa, em carta a Edoardo Bizzarri (italiano, tradutor da obra) descreve sua visão de veredas (citado em Santiago Sobrinho18, p. 24, referente à carta de Guimarães Rosa, 1981 p. 22-23)

No período entre 2004 e 2008, a Fundação Pró-Natureza - FUNATURA e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, no âmbito do Departamento de Patrimônio Imaterial, firmaram convênios para a realização do projeto Inventário dos Bens Culturais da Comunidade do Assentamento São Francisco Oriunda do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, com a aplicação da metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, em três fases: Levantamento Preliminar, Identificação e Documentação.

O Levantamento Preliminar compreendeu pesquisas sobre cerca de 50 bens culturais materiais e imateriais. A seguir, a fase Identificação, manteve foco nas celebrações e a musicalidade. Esta escolha se deu por ser a musicalidade um dos bens culturais mais expressivos presentes na comunidade e que mobiliza todos os outros, abrangendo o universo de ritmos, sons e melodias presentes em seu dia-a-dia, associados, especialmente, ao seu sistema de festas, trabalho e religiosidade.

Para a fase Documentação, foram organizados os materiais de pesquisa resultantes das fases anteriores e elaborados os seguintes produtos:

1. CD musical duplo Grande Sertão Veredas: Musicalidade das Comunidades Oriundas do Parque Naciona”, com cantorios de devoção, brincadeiras de folia, cantos de trabalho e cantigas de roda, interpretados e gravados no próprio Assentamento, com os moradores;

2. Livro A Luz Que Nos Ilumia – Imagens e Dizeres da Comunidade São Francisco Oriunda do Parque Nacional Grande Sertão Veredas;

3. CD ROM do projeto Inventário dos Bens Culturais da Comunidade do Assentamento São Francisco Oriunda do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, contendo todos os arquivos do inventário, textos, fichas do INRC preenchidas, mapas e registro audiovisual.

VEREDEIROS E O PARQUE NACIONAL GRANDE SERÃO VEREDAS

Por Inês Zatz

A população do Assentamento São Francisco e onde se encontra também as glebas da originária Fazenda Gentio teve sua história construída “nos chapadões, brejos e veredas no curso alto médio do rio São Francisco, quase na divisa de Minas Gerais com Bahia e Goiás” (FUNATURA, Costa, nov.2005: 25). Trata-se de um grupo de famílias, de moradias dispersas, mas com vínculos de parentesco, compadrio e vizinhança que asseguram o sentimento de pertencimento a uma mesma comunidade, e o compartilhamento de espaço comum para rituais religiosos, festejos, tramas e trocas que marcam o senso de territorialidade.

Tal espaço de vida daquela população estava inserido, majoritariamente, no vale do Rio Carinhanha. Desde 1989, sua localização ficou — sem que tenha havido deslocamentos — no interior dos limites do Parque Nacional Grande Sertão Veredas - PNGSV, criado pelo Decreto 97.658 de 12 de abril de 1989.

O Parque Grande Sertão Veredas abrange áreas no Noroeste de Minas Gerais e parte de território da Bahia (nos municípios de Formoso e Chapada Gaúcha, em Minas Gerais e no município de Cocos, na Bahia). O espaço inicial do Parque era de quase 84.000ha, onde se depara com belezas paisagísticas ímpares, veredas, cerrados, carrasco, com rica variedade de fauna e flora, muitas delas sendo espécies ameaçadas de extinção.

A criação do Parque retrata um marco no processo de ação preservacionista na sociedade brasileira, que tem representações nas instituições governamentais federais e estaduais e na sociedade civil organizada em ONGs ambientais. Buscavam mudar os rumos de degradação célere em regiões onde o desmatamento passava a ser sistemático e sustentado por tecnologias e sistemas de transportes que asseguravam o fornecimento de carvão para as indústrias siderúrgicas da região central de Minas Gerais. Desde a década de 60, o Norte de Minas e depois o Noroeste (em 70), passavam por degradação nas chapadas, veredas, vazantes de cursos de água.

Anos depois da criação do PNGSV, já tendo avançados os estudos e Plano de Manejo do Parque, definiu-se a necessidade premente da transferência das famílias moradoras na área para outras localidades. Desde o início da demarcação, das pesquisas, de levantamentos da fauna e flora e dos contatos com as famílias, inaugurou-se também nova realidade para aqueles moradores, que

passam a manter direta e estreita relação com instituição pública federal representada pelo IBAMA, o IEF da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Estado de Minas Gerais - SEMAD e a FUNATURA, uma ONG de defesa da conservação do Cerrado brasileiro.

DADOS DA PAISAGEM E DO PERFIL DOS MORADORES DO PARQUE

“Nóis tudo foi criado na roça. O serviço que nóis aprendeu a fazer foi esse (...) o de roça” ; “Eu só vivi na roça purim! Fui criado na roça, parece que morro na roça. Nasci na roça, fui criado na roça, morro na roça, vou ser enterrado na roça.” (2006)

O que mais identifica o perfil dos moradores das diversas paisagens do Parque é o fato de serem sertanejos, trabalhadores rurais, com costumes e meios de sobrevivência estabelecidos na relação com a terra, com recursos da natureza, coleta e produção de subsistência. Outras fontes de renda se firmam em algumas famílias, por aposentadorias de idosos, trabalhos oriundos de venda de artesanatos (esteiras de palha de Buriti e vassouras, principalmente) e de venda de força de trabalho para atividades de cuidados com criação ou com fases da produção agrícola. A lenha, a palha do Buriti e, eventualmente, madeira e alguma caça, eram apanhadas para consumo ou para negócios ocasionais, como fonte de renda.

A grande maioria das famílias que viviam dentro do perímetro do Parque desejava, se fosse inevitável ter que deixar a área, continuar em algum lugar próximo, na mesma região, onde pudessem permanecer sertanejos, com seus costumes da “roça”. De seus comentários sobre uma nova área, mostravam desejos de terra para cultivar, água boa, perto da moradia, para a garantia dos criatórios, plantas e remédios (coleta e horta medicinal). Eram poucos os porcos e galinhas, mas substanciais para a manutenção da vida. Galinhas soltas, todos tinham. Tinhams também casas que não eram perto de outras, quase nunca. Era costume.

Na área do Parque foram nomeadas e reconhecidas pelo menos 18 localidades, distintas pelas características do relevo e da água, conhecidos por todos pelos nomes (inspirados na natureza, relevos, plantas, fatos de memória), e que se referiam aos lugares de moradas: Salto, Chapadinha, Limoeiro, Matinho, Passaginha, Mato Grande, Matinho, Pau Grande, Barbatimão, Capim Puba, Mandú, Vereda Mª Antônia, Três Irmãos, Galho do Pedro, Tomé Inácio, Rio Preto, Santa Rita, Fazenda Carinhanha.

Quando foi criado, em 1989, a dimensão do Parque era de 84.000ha, com 150km de diâmetro. As famílias se espalhavam por ela. As casas ou aglomerado pequeno de moradias eram bem distantes uma das outras, precisando até de um dia de viagem para participar de uma festa, de um Giro de Folia em casas de parentes e amigos. Trabalhavam em fazendas, como boiadeiros e vaqueiros, ou em atividades sazonais da agricultura e, eventualmente, nas culturas da Chapada Gaúcha.

Da terra e da plantas, predomina no Parque a vegetação de cerrado, de veredas, de campo-cerrado e de carrasco (paisagem de transição entre o cerrado e a caatinga). Os moradores eram coletores de frutos, frutas, ervas, cascas e raízes usadas para fins medicinais ou temperos, condimentos. Caçavam para consumo.

Para falar do Homem da roça, sertanejo, veredeiro, chapeiro, barranqueiro, vazanteiros do Norte-noroeste de Minas, do vale do Rio São Francisco, nos referimos às famílias que convivem com a água nascente, corrente, viajante, de cachoeira e, também, com a seca de sol escaldante nas areias quase nuas, desérticas, áridas e “maninas” (não dá filhos), nada férteis. Mas são terras secas que sustentam bichos, flores e gente. Explodem de verdes pequenos nas chuvas de época. Água ali, nos areais, não empoçam. Sovertem-se.

Água e Terra aparecem — na obra clássica de João Guimarães Rosa - Grande Sertão Veredas — como uma unidade em tensão. São os elementos mais representativos do Sertão. Assim como água-terra, também chuva-campo, corpo-alma e sagrado-profano são faces de uma mesma moeda. Cada par é uma unidade.

Ainda contrastantes fatores da cultura do sertanejo, aparecem no livro de Guimarães Rosa: o fogo-água. Em algumas passagens de sua obra, os personagens falam de relâmpago, como sendo o fogo celeste (fator presente em várias culturas) e que anuncia chuva, água. Relâmpago é “cólera divina”, tempestade, dilúvio. Chuva é a fertilidade, a salvação mandada por Deus. É a unidade morte/vida. “As chuvas já estavam esquecidas, e o miolo mal do sertão residia ali, era um sol em vazios”. (Guimarães Rosa, 1985; p.46). Ele fala, nesta passagem, da secura do deserto, ensolarado, em areal sem muita vegetação, o que é ruim e morte.

Mas tudo é diferente nas veredas úmidas, molhadas e nas matas de cerrado, ciliares, fortes, em rios bonitos de águas claras, transparentes. “Festar” e “tomar banho de rio”, dançar, divertir, brincar na água, cantar. Tudo é bom para o sertanejo!

TRANSFERÊNCIA DOS MORADORES DO PARQUE

A transferência das famílias tendo sido decidida, passou por um processo de escolha de outra localidade para a instalação da comunidade. A FUNATURA identificou áreas fisicamente semelhantes àquelas onde moravam as famílias no interior do Parque. Com a participação dos moradores, realizaram-se várias reuniões comunitárias e discussões sobre critérios de escolhas de outros espaços para as mudanças.

Por meio de seus representantes, foram realizadas visitas em cerca de 10 fazendas identificadas com características bem próximas às das áreas do Parque, também no município de Formoso, onde a maioria das famílias mantinha maior vínculo político, social e econômico. Foram definidas como apropriadas para desapropriação, as fazendas São Francisco (com 1.994ha) e Gentio (com 3.470ha). Eram áreas contíguas, situadas a 35km da sede municipal e a 25km do limite noroeste do Parque.

Em ambas as ex-fazendas, (ver Mapa 02) correm águas em veredas, em córregos (Gentio e São Francisco), e estão ligadas à estrada que vai à Formoso, Chapada Gaúcha, Arinos e, enfim, aos municípios da região e à Brasília. O caminho de terra até a cidade de Formoso é de 35km.

No Parque, as dificuldades de vias de acesso eram grandes, o isolamento era maior e os caminhos quase que só carroçáveis. Consideram, os entrevistados (dez.06), que em termos de conforto e de estreitamento de relações (tanto dentro do Assentamento quanto na proximidade com outras cidades) agora está bem melhor. No Parque havia mais festas, mais alegrias e brincadeiras nos encontros, ainda que morassem bem mais distantes uns dos outros. “Sobre o movimentar a vida lá era bão! Conforto era mais difícil”, conforme a fala de um depoente (dez.06) que resume diferenças de relações sociais e conforto pelo acesso a serviços e à comunicação.

AMPLIAÇÃO DA ÁREA DO PARQUE

Em 21 de maio de 2004, o Governo Federal reconheceu, oficialmente, a necessidade e importância da ampliação da área do PNGSV. Um dos maiores benefícios da ampliação foi a preservação de grande área ameaçada pelo avanço da agricultura de produtos para mercado e agroindústrias, que não mostravam preocupação com impactos ambientais, nestas áreas de grande sensibilidade a ações antrópicas.

A área do Parque passa de pouco menos de 84.000ha para um espaço de preservação de 231.000ha. A ampliação engloba 120.000ha do município de Cocos (BA) e mais 30.000 de áreas no Estado de Minas Gerais, de territórios dos municípios de Formoso e de Chapada Gaúcha.

Com a criação e ampliação da área do PNGSV, assegurou-se também melhor estrutura para evitar a degradação pela permanente ameaça de carvoarias clandestinas que continuavam se multiplicando na região Noroeste de Minas, sem que as instituições do Estado tivessem condições efetivas de fiscalizar toda a região e de coibir tais modelos de produção de carvão e de agricultura, que não se atêm para princípios da sustentabilidade. A ampliação do Parque assegura a conservação de potenciais hídricos e representa a maior área contígua de Parque Nacional do Cerrado.

LOCALIZAÇÃO PELO CRITÉRIO HIDROGEOGRÁFICO

Os rios ajudam a delimitar o sertão que os rodeiam, os encantam e os enfeitam com verdes e majestosos buritis, tamanduás, onças e lagartos de tamanhos diversos, bonitos. Sem saber das águas nada sabemos dos rios, das chuvas e dos desertos, das veredas do sertão. O sertão seco contém as veredas, água. Um contém o outro, se opõem e se complementam, se confundem no viver do homem do cerrado, se faz um no Sertão do Noroeste mineiro.

Sem conhecer o homem que busca e bule na água, não situamos a cosmologia e o mundo dele no sertão. Nada se sabe, sem conhecer as águas, sobre o cerrado, o carrasco e a caatinga que,

secos, esturricados, bebem da chuva e da água que entra na terra. As veredas, não! Minam água. São de águas vivas, vida e oásis do sertanejo, como o poeta escritor Guimarães Rosa desenhou no Grande Sertão: Veredas (publicado em 1956). Os rios são conseqüências das veredas daquela geografia do norte/noroeste de Minas Gerais. Eles enchem o São Francisco.

As águas de rios, riachos, riachinhos e veredas são de forte representação na vida do veredeiro, com celebrações mundanas e religiosas, reverências e brincadeiras... cantorias, músicas, danças, folias de Santos Reis e do Divino. Rezam pelas águas, com elas, pelas bênçãos e pela vida de todo dia. Para o sertanejo, o sagrado se manifesta na natureza e está estreitamente confundido com o profano.

As águas dão referências geográficas dos lugares. Assim, imaginar o espaço do Assentamento São Francisco, deve-se falar e desenhar o sistema hídrico que os integra e os separa, diversifica e marca identidades. São os rios Tabocas, São Francisco, Gentio, Córrego Cofocó. Alimentam-se das águas de veredas, tais como: D’Antas, Veredinha, a Vereda do Arroz, a do Barro, do Monjolo, a Comprida, a Bonita.

No período de chuvas, ao contrário, as águas são muitas, por toda parte, com corguinhos ficando importantes, rios correndo rápido, muito, subindo e saindo da caixa, pelo menos por algumas horas. As estradas e caminhos principais se enchem de lama e os atoleiros são evitados com a cobertura de cascalho que se teve o cuidado de espalhar. Perto dos buritis, nas veredas, fica encharcado. As águas correm, buscando córregos, valetas, grotas, rios. Ali se atola.

O veredeiro é úmido, pensa em água no sertão desértico. Adora o Buriti. Faz com ele muitas coisas, na casa e na roça. Do fruto fazem doces, geléia, licores. Os documentos e as conversas, onde há relatos sobre a escolha de lugares que fossem adequados para implementar a mudança dos que moravam em áreas do PNGSV, estão repletos de citações de água, veredas, rios e buritis. Em Formoso, ao descreverem os lugares, sempre falam de água e veredas. É importante. São referências.

~

As FOLIAS

Por Thaís Teixeira

“Quando Jesus nasceu, o primeiro que visitou Jesus não foi os três reis? Cada um levou uma oferta, um levou insenso, outro levou mirra e o outro levou ouro. Agora aquelas ofertas, quando o folião chega e acabou de saudar o morador, na hora de embora aquele morador dá aquela oferta. Faça de conta que os folião é os três reis, quando foi visitar Jesus cada um levou um presente para Jesus. Agora chega de cá, nós num temo a mirra, incenso e ouro, nós damos o dinheiro e naquele lugar pra poder representar como foi no princípio do mundo. Porque antes do nascimento de Cristo não tinha folia, não tinha nada, depois que nasceu cristo, que os três reis andou. Mas os três reis não levou viola, não levou caixa, não levou nada. Mas aí pros folião chegá e fazê a mesma coisa, quando é no tempo aí os folião vai girar, fazendo a mesma caminhada que os três reis fez pra visitar Jesus. Cada um levou um presente, chegou lá onde Jesus tava, então o condo (mastro da bandeira) era pequeno, um levou um presente e ajoelhou, fez a venda e entregou. O outro fez a venda e entregou, e outro e aí entregou. Agora nós todos faz a mesma festa, fazendo como quem faça de conta que é no tempo de Cristo, que os três reis foi visitar. E aí daí pra cá foi que começou as festas de Reis. Não tem ouro incenso e mirra, mas tem viola pandeiro e caixa e é isso que os folião leva. E na hora de entregar a folia, entrega a folia e entrega a mesma coisa, entrega pandeiro caixa e viola. Primeiro canta a imperadera ou imperador e o alferes entrega o mastro, agora os folião canta entregando pandeiro, caixa e viola. E naquela hora entrega ao imperador tudo e aí agora tá desarvorado. (...) Porque o cantorio é uma oração, aquilo é um voto que sai cumprindo que o folião é quem cumpre a promessa. Porque o folião sai fazendo a caminhada, como os três Reis fez. Faz de conta que é os três Reis que tá caminhando pra visitar Cristo, quando cristo nasceu. Agora, os folião é quem sai fazendo a caminhada, com aquela caminhada que eles faz tem que ter muito respeito. Sai a folia cumprindo aquele voto, faça de conta que é como os Três Reis saiu oriente, que eles foram escondido, de Satanás, que Satanás tava perseguindo. E eles foram por uma estrada e voltaram por outra. Os folião sai fazendo a mesma caminhada dos Três Reis” (Seu Eduardo)

A mais forte e mais praticada celebração presente no Assentamento São Francisco é a folia, bem como em toda região do médio São Francisco e no Brasil rural ou camponês como um todo. As folias são ligadas a um conjunto de práticas e crenças católicas, no entanto, os grupos que a praticam mantiveram (e alguns ainda mantém, como no caso do Assentamento) um certo grau de autonomia com relação à igreja. Por isso, pode-se considerar como um catolicismo independente, isto é, com práticas específicas e distintas das da igreja.

No Assentamento São Francisco, assim como em diversos grupos católicos rurais, encontramos um vasto calendário de cel-

ebrações: Folia de Reis (que gira de três até 15 dias antes do dia 06/01); Folia do Divino (que sai de 5 até 7 dias antes do dia de Pentecostes, marcado no calendário da igreja católica; Folia de São João (que sai de 5 a 6 dias antes do dia 24 de junho, dia do arremate); Folia de Nossa Senhora Aparecida (feita no dia 12 de outubro, só girou uma vez no assentamento); Folia de Santa Luzia (teve um giro no assentamento, em 13/12/2006); Folia de São José e Folia de São Sebastião (não giram no assentamento, mas são referências fortes na comunidade e eram celebradas na região do parque). As festas rurais ou camponesas estão intrinsecamente ligadas às esferas do parentesco, econômicas e políticas.

São momentos em que se encontram parentes, renovam-se as alianças e reciprocidades, a fé é fortalecida, são feitos pedidos de bênçãos, fazem-se e refazem-se as alianças políticas, namora-se, relembra-se e brinca-se. Em suma, além dos elementos de ordem religiosa que estão ali presentes, encontramos também uma série de valores sociais ali intrincados.

Essa reverência à autoridade da igreja foi demonstrada no depoimento de vários foliões e na origem dos cantorios das folias, que, de acordo com eles, são provenientes de textos bíblicos sagrados. Estes textos, contudo, não são mais encontrados, servindo mais como uma referência mítica do que como uma prova factual de que realmente existem. É interessante que uma comunidade, que transmite seus valores e saberes por meio da tradição oral, busque uma legitimidade destes justamente nos textos escritos. Seu Tasso - Guia de Folia - relata como aprendeu o ofício de guia e aponta para sua relação com o chamado “Livro do Oriente”, cercada de mistérios: “Peguei pelo livro do oriente. Os mestres pegou e aí passou pra mim. O que eu sei, as tabelas que eu sei, vêm do livro do oriente. Justamente porque não tem outros livros sobre folia de reis, a não ser o livro do oriente. Quem dizer que tem, eu digo que é mentira, que não tem. Esse livro tá difícil, se é que ainda existe ele, mas é difícil. Quem me passou foi os mestres que eu aprendi, um foi meu avô Epifânio, que era o folião mais (...) que tinha nesse mundo lá na região de Januária era ele, e eu aprendi com ele. Os outros, aprendi com outros mestres. Só que eles aprenderam pelo livro e passaram pra mim a cópia. Tinha vez que eu lia só três vezes e colocava debaixo do travesseiro, já amanhecia sabendo, mas é a força. Porque eu nasci pra isso.”

As diversas folias em adoração aos diversos santos, que se espalham por grande parte do território brasileiro, têm suas peculiaridades. Mesmo fazendo referência a um universo em comum, é arriscado falar de folia de uma forma ‘geral’ ou ‘fixa’, pois como elementos culturais, são sensíveis às particularidades regionais e processos históricos. Essa pluralidade de significados e significantes, que permeia as folias, pode ser vista no mito de origem da folia de reis, por exemplo. A Folia de Reis é uma das mais celebradas (quicá a mais celebrada) em todo o Brasil rural, e, por isso, sobre ela há uma profusão de representações. A ‘representação’ da visita dos três reis do oriente ao menino Jesus vai aparecer em cada comunidade que a celebra de forma variante, suas origens e símbolos raramente serão

coincidentes, contudo, não há uma folia de reis mais autêntica ou legítima do que outra.

A importância dos três Reis Magos nas comunidades rurais pode ser relacionada à reciprocidade que representam. Os três Reis Magos no nascimento de Jesus Cristo foram levar presentes: ouro, incenso e mirra, e partiram numa longa viagem, montados em animais para prestar sua solidariedade, para dar as boas vindas ao menino recém-nascido. A fé nos santos reis é relacionada à sua importância mitológica e esta, por sua vez, está ligada às relações sociais nestas comunidades, baseadas em relações fortes de parentesco, compadrio e reciprocidade. Os foliões, assim como os três Reis Magos, realizam o seu giro montados em animais e levando bênçãos divinas em cada casa que passam.

Não há um número exato de foliões que devem sair numa folia. Porém este número não pode ser menor que oito e raramente ultrapassa os quinze, contando com o alferes. O papel do alferes é também central num giro de folia, é ele quem carrega o mastro da bandeira, chamado na comunidade de condão ou condãozinho. O alferes deve ser uma pessoa de ‘responsabilidade’, pois é ele quem vai comandar ou dirigir a folia, auxiliando o imperador a traçar o giro da folia, marcando os locais dos pousos, controlando a hora em que a folia deve sair e chegar aos lugares. Outro papel básico da folia é o do caixeiro, ou tocador de caixa, que é o ‘coração’ da folia, segurando o ritmo e fazendo a marcação que dá a toada da folia. Os demais foliões, chamados de companheiros, também cantam e alguns tocam pandeiro.

Outra função fundamental numa folia é a do Imperador, que é o festeiro e quem põe a folia no giro. Uma folia é ‘posta no giro’ por motivo de promessa. Alguma pessoa da comunidade que fez um ‘voto’ a um determinado santo se tornará o ‘imperador’ ou ‘imperadeira’ (se for mulher). A promessa deve ser cumprida, porém não necessariamente no ano seguinte ao que foi feita, mas assim que a pessoa tiver condições financeiras e de saúde para cumpri-la. Assim que o imperador decide pagar sua promessa, ele aciona os foliões, principalmente o ‘guia’ (ou ‘capitão’) e o ‘alferes’ (ou encarregado). Que deverão ‘convocar’ os demais foliões.

É o ‘imperador’ quem deve arcar com os custos da folia, que vão desde comprar cachaça, fumo e encordoamento para as violas dos foliões, até os gastos com comidas e bebidas da festa. No entanto, quase sempre contam com ajuda das pessoas da comunidade que, por solidariedade e devoção, podem doar galinhas, arroz, farinha e até um bezerro ou um porco. Além da doação dos alimentos, os vizinhos e parentes mais próximos ajudarão no preparo dos alimentos para o dia do arremate da folia, que será na casa do ‘imperador’.

A bandeira é objeto ritual de maior importância. Numa folia ela “vai na frente porque é a guia dos folião, é a estauta do santo”, como afirmou seu Máximo. A bandeira é confeccionada com as cores e os motivos do santo de cada folia, feita por alguém do Assentamento: “Essa bandeira deles foi pintada aqui no Assentamento, mas se você ver o tipo dela, ocê não diz que foi pintada aqui, mas é uma

Luzia bonita que eu fiquei... Quem pintou foi Dete, mas como é que pinta bonito daquele tanto, muito bem arrumado. Ela que fez a do Divino também, que gira maio e junho.” (Seu Máximo)

A bandeira deve ser benzida pelo padre, o que vai marcar o seu caráter sagrado. Apesar de feita na comunidade, no mundo profano, ela deve ser elevada ao ‘mundo divino’ através do benzimento do padre. Além do benzimento, há uma série de cuidados e prescrições com relação à bandeira. No início do giro o imperador a entrega ao alferes, que é quem deve carregá-la à frente da folia durante todo o giro. Durante o giro e no dia do arremate é comum que os devotos se ajoelhem em frente à bandeira e a beijem, pedindo e agradecendo, pois é como uma ‘ponte’ material para uma comunicação com o santo, como se ele estivesse ali presente. No dia do arremate, ela é devolvida ao imperador, que a coloca na lapinha durante o cantorio e depois deve guardá-la de forma e lugar específicos:

O aprendizado do ofício de folião é informal. Os foliões geralmente aprendem pelo esforço próprio, ao observarem alguém próximo que sabe determinado ofício, algum tio, primo, ou o pai, e buscam aprender. O ofício de folião, muitas vezes, é visto como algo que extrapola a escolha pessoal, sendo fruto do designo divino. Seu Otaciano (ou Tasso, como é chamado na comunidade), folião de guia referência na região, afirma que nasceu pra isso, como se estivesse predestinado ao ofício de guia. Na visão de seu Eduardo, este processo se dá pela vocação, ou, como ele diz, ‘invocação’ de cada pessoa: “Esse negócio de tocar, cantar é a invocação da pessoa. Que nois tudo só aprende as coisas com a invocação que nós tem, se ocê tem vocação pra uma coisa ocê não pode pegar outra não, ocê num segue. Tem que seguir a invocação do seu nascimento, que ocê já nasce com aquela invocação daquela coisa.”

Vocação ou designo divino, o ofício de folião existe principalmente pela sobrevivência desta manifestação em determinado contexto cultural. A manutenção da ‘tradição’ (palavra evocada por muitos no Assentamento) no contexto cultural e familiar é o que faz com que uma pessoa (muitas vezes ainda criança), resolva aprender o ofício: “Aprendi com os povo mais antigo, sempre ensinava os folião mais véi. Era parente e conhecido. Um pouco eu aprendi com aquele véi Tasso mesmo. Mas aprendi muito pouco, mas se quiser a gente canta mais. Comecei a tocar com dez anos e já girava.” (Zé Pela porco).

Assim como o ofício de folião é inseparável do aprendizado musical, a folia é indissociável da música. Os instrumentos musicais básicos para a folia são a viola, a caixa e o pandeiro. Durante o giro da folia, os foliões levam as bênçãos aos moradores por meio dos cantorios. Os cantorios são como rezas cantadas e há um cantorio apropriado para cada circunstância na folia: para saudar o morador, para pedir pouso, para agradecer a mesa ofertada, para saudar a lapinha ou altar e assim por diante. Após o cantorio são feitas as brincadeiras de folia: o lundu e a curraleira. Apesar de serem considerados brincadeiras, o lundu e a curraleira são partes integrantes da folia. Ao contrário do cantorio, que conta com um repertório

preestabelecido, os lundus e curraleiras são improvisados ou tirados pelos foliões.

Conforme disse Idelino: “Mesmo esses lundu e curraleira mais antigo foi alguém que tirou. Aconteceu alguma coisinha e eles tira, e se a história for boa, pega. Nem que acrescenta mais um pouquinho do que não foi acontecido, muda um pouquinho, mas tem o motivo.”.

“Companheiro me ajude, que eu também te ajudarei” – Quase todas as curraleiras e lundus iniciam com este verso, que é um convite para que se comece a cantar. Não se pode cantar uma curraleira sozinho e nem um lundu, então há esse convite, que alude à reciprocidade das festas rurais.

TRAÇADO DA FOLIA

O traçado da folia é denominado de giro. É o alferes, juntamente com o imperador, quem vai traçar o giro, falando com os moradores sobre a possibilidade de darem pouso ou comida. Muitas vezes os próprios moradores se oferecem para darem o pouso, que é onde os foliões dormirão em cada noite ou dia da folia, e para oferecerem comida aos moradores. Como explica Antônio Ferro Velho: “É você tem que avisar o povo. Aí você tem que correr lá na frente e ir em tantas casas. Aí pausa e vai marcando até a gente chegar. Nós passa em todas as casas (...) às vezes a gente ta pensando num ponto, mas aí tem um morador que oferece um almoço pro folião, ai desvia. Na hora que sai, tem uma pessoa sempre que manda avisar: ‘Olha, vai almoçar na casa de fulano’ (...).”

ETAPAS DA FOLIA

As etapas de uma folia não são ritualizadas separadamente pelos foliões. Para o entendimento de uma folia, como um ritual, deve-se vela como um ciclo. Em que cada etapa está logicamente ligada à outra: saída, giro (desenvolvimento) e chegada, como um todo que compõem o ciclo ritual.

Promessa e Preparação Prévia

O ‘motivo’ que impulsiona a folia é, geralmente, a promessa. Assim que o pedido for atendido e o imperador se sentir em condições de realizar a folia ele começa os preparativos: “Tem que começar a preparar bem antes, quando já tá assim faltando uns trinta dias a gente já começa a encomendar. Encomenda um fazendeiro o queijo, encomenda ovo, que mesmo tendo a galinha não dá pra gente juntar, que vai é muitas dúzias de ovo. Compra as coisas tudo com fartura, compra café com fartura pra dar o povo pra tomar.” (Seu Eduardo).

Alvorada – Saída da Folia

A saída da folia é feita na casa do imperador ou imperadeira, como eles dizem no caso deste papel ser ocupado por uma mulher. O imperador entrega as divisas aos foliões e a bandeira ao alferes. São feitas rezas e o primeiro cantório da folia. Antes da saída da folia serve-se comida aos foliões, pode ser um almoço ou jantar,

ou ainda café com bolo: “Todo mundo tem que reunir na casa do Imperador antes de começar. Tem que reunir tudo na casa do imperador, se a promessa é dele, reúne na casa dele e então sai. Já sai naquele dia e já vai girar.” (Zé Pela Porco).

Moradores (moradeiras) e Pousos

A partir da saída do giro, a folia vai percorrendo as casas e cantando para abençoar os moradores. Os moradores, por sua vez, podem oferecer café, biscoito e bolo aos foliões. As refeições principais serão feitas em casas previamente selecionadas pelo alferes e /ou imperador. Receber uma folia em casa é considerado uma benção, muitos moradores também fazem promessa. Durante o cantório ao morador, rezam, ajoelham-se e beijam a bandeira.

Nos pousos o cantório é feito na chegada e na saída, agradecendo a hospitalidade dos moradores: “Se fôr chegar meia noite, que você vê que o dono da casa está dormindo, aí afina as violas e chega todo mundo caladinho e começa a cantar o Reis ali, aí a pessoa já se assusta com a cantoria sabe? Aí eles levantam, acendem a luz, aí você entra e começa a cantar o Reis lá. Aí termina de cantar o Reis e aí fica brincadeira lá. As brincadeiras são curraleira, lundu, catira nós num dança, por que a gente não sabe mexer (...) Aí ser for a folia do Divino chega de dia. Aí chega normal, a gente chega, afina a viola, aí canta o Reis né? Aí pede pouso né? Enquanto isso a gente pede o pouso.” (Antônio Ferro Velho).

Levantamento do Mastro (Só ocorre nas folias de São João e do Divino)

Nas folias de São João e do Divino há o levantamento do mastro na festa do encerramento da folia, antes do arremate. O levantamento do mastro marca o início da festa do arremate e a sua derrubada, o final: “A festa de São João é igual à festa do Divino. Levanta o mastro de madeira, às seis horas da tarde, depois que a folia chega. A folia chega, canta o reis na lapinha e aí tem que fazer o cantório, porque levanta o mastro fazendo o cantório. Aí vai jantar, depois da janta reza na lapinha, aí vem a entrega da folia. Depois se quiser dançar um baile, dança. Tem lundu, curraleira e forró. No outro dia cedo derruba o mastro, e aí vai todo mundo embora pra casa.” - *(Antônio Ferro Velho)*.

Cruzeiro

O Cruzeiro é feito na chegada da folia na casa do imperador no dia do arremate. É uma cerimônia pomposa, em formam-se duas filas com os foliões montados nos seus cavalos. A bandeira vai à frente e as filas se movimentam de modo a formar um desenho de coração. A venda ou vênia consiste em movimentos circulares com a bandeira em sinal de saudação: “Eles fazem com a venda da bandeira. Um faz o pé do cruzeiro e o outro faz o braço. Um faz um braço e o outro faz o outro lá. Pega a bandeira e faz a venda assim, girando a bandeira.” - *(Seu Eduardo)*.

Festa do Arremate da Folia (Entrega da folia)

O arremate é a finalização da festa, depois do giro completo da folia. Depois do cruzeiro, os foliões apeiam, ou seja, descem

dos cavalos e adentram na casa do imperador. Neste momento são feitas rezas e as ladainhas. Depois das rezas, há a entrega da folia, é feito o cantório de entrega, a bandeira é colocada na lapinha e os foliões entregam as toalhas ou divisas, simbolizando que o giro está terminado. No momento da entrega cada folião segura uma candeia de cera de abelha acesa.

O imperador retira, uma a uma, as divisas dos foliões a as coloca no altar. Na festa do arremate toda a comunidade participa, depois da entrega da folia é servido o jantar a todos. Depois do jantar são feitas as brincadeiras: a curraleira e o lundu.

“É o mesmo cantório, só que as palavras às vezes muda um pouquinho, tem que entregar o mastro que é a bandeira. Tem que entregar as toalhas, já bota as toalhas de um lado, tira as toalhas do pescoço e já bota do lado esquerdo. Aí é o guia que sabe, tem guia que não sabe explicar. Aí vai cantando, tocando, a música é a mesma, só muda as palavras. E aí entrega né, o arremate da folia é a entrega da folia. Gira, gira, gira, chegá lá reza, lá no pé da lapinha, do altar, e aí vai entregar (...) Aí o folião mestre fala, folião que é o guia que sabe, que nem eu, tem as palavras que fala pra iluminar.” (Seu Otaciano)

PRINCIPAIS PARTICIPANTES DA FOLIA

Foliões

Os foliões são os integrantes do terno de folia. Numa folia as funções são: guia, contra guia, seus ajudantes que respondem junto com eles, caixeiro, violeiro, e os tocadores de pandeiros.

“O guia puxa a viola e a divindade, e o contra guia responde mais o outro. A mesma coisa que eu falar eles tem que responder. Os outros folião bate, os que toca viola é viola, violão é violão, pandeiro é pandeiro, rapa-pau é rapa pau.” (Seu Otaciano).

Imperador ou Imperadeira

Geralmente é uma função ocupada por alguém que fez uma promessa. O imperador tem a função de reunir os foliões, providenciar eventuais provisões de que eles necessitem. A principal função do imperador e a realização da festa do arremate.

“A principal função é fazer a festa do arremate. Ele se trata o império real, vai daqui, vai d’acolá, mas despeja lá. Os foliões e os arromeiros que gostam de assistir a missão. O imperador tá lá esperando, arrumando da casa, ele arruma a festa.” (Seu Otaciano).

Alferes

O alferes ou encarregado é quem deve traçar o itinerário do giro junto ao imperador. É uma função de grande responsabilidade, pois além de coordenar o trabalhos dos foliões, o alferes deve carregar a bandeira à frente da folia. É o alferes o responsável, também, por recolher as ofertas dos devotos durante o giro da folia.

“O alferes é o comandante que manda até no guia. O alferes, o que precisar fazer com o retrato ele é o responso. Ele que traça o giro. Comanda a hora de sair, a hora de chegar, mas só os que

sabe. Ele quem leva a bandeira. Ele é uma pessoa que tenha responsabilidade, que ali ainda é mais firme, aqui mesmo é pessoas novas que não tem prática, o meu alferes mesmo é uma pessoa que tá com 94 anos, ele mora lá onde eu morava, nessa região aí do parque. Agora aqui no assentamento, esse não tem marcação não, a gente ranja uma pessoa, compadre Antônio, Ferro Vêi mesmo já saiu. Esse ano no Divino que eu girei foi compadre Antônio, ele era imperador e o alferes.” (Seu Otaciano).

Guia ou Capitão de Folia

O guia ou capitão é uma das tarefas de maior responsabilidade no terno. O guia detém o conhecimento dos cantórios, ele é quem puxa os cantórios, junto com seu ajudante, que serão respondidos pelo contra guia e seu respectivo ajudante. O guia, em geral, conta com um número de companheiros que pode acionar para girar uma folia com ele. São foliões que já tem costume de girar com aquele guia, que conhecem seus repertórios de cantórios, muitos são até ‘ensinados’ ou ‘treinados’ por ele. Os guias mais experientes do assentamento são: Seu Otaciano e Seu Tercílio Preto.

“Aquilo ali é um cargo que a gente pega ali, que é um cargo com respeito. Tem muitos folião que pega um cargo desse e... mas folião não pode ser assim não. Se ele pega aquela divindade ele tem que respeitar.” (Seu Tercílio).

Contra Guia

O contra guia responde, em segunda voz, o cantório puxado pelo guia.

“O contra guia responde. É assim, aí eu sou o guia e ele é o contra guia, aí eu começo a cantar e ele me acompanha, eu começo primeiro e ele me acompanha. Por exemplo, estamos eu e ele aqui, eu puxo primeiro e ele faz a segunda, vocês dois são os que estão respondendo, o contra guia né? Aí um de nós fala aqui e vocês respondem do mesmo jeito lá. Vamos supor, nós quatro.” (Antônio Ferro Velho).

Noiteiro

O noiteiro ajuda o imperador no dia do arremate oferecendo algum prato, ou material necessário: Se o imperador é responsável pelo último dia da festa o noiteiro é aquele que: “dá um café, dá uma janta, um almoço, dá um lanche, uma merenda.” (Antônio Ferro Velho).

Morador

São os donos das casas nas quais a folia passa durante o giro. A folia canta para abençoá-los, muitos fazem promessa e se ajoelham perante a bandeira para pagá-las. Os moradores oferecem almoço e lanches para os foliões. Os moradores podem oferecer a oferta para o santo: “Tem lugar que eles passa pra saudar o morador, aí serve um café com um biscoitinho e aí parte pra outra. Quem num tiver um biscoitinho dá uma cachacinha pros que gosta, dá um vinhozinho pros que gosta. Outros num dá nada mais dá um dinheirinho em louvor do santo.” (Seu Eduardo).

Promesseiros

Além do imperador, numa folia existem outras pessoas que estão pagando promessa. O pagamento da promessa pode incluir as rezas, contribuições menores para a festa do arremate por meio do dinheiro ou doação de alimentos.

“Os promesseiros fazem o voto com os santos:” É meu santo fulano, me ajuda assim, assim que chegá lá na festa de vós, no império real eu rezo uma ladainha pra vós, dou um tanto de dinheiro pra vós, eu dou tal coisa pra vós”. Tudo coisa boa, que o santo não gosta de coisa ruim não, se der ruim ele não quer não. Aí faz promessa de fazer cantório pra eles, o cara ajoelha lá na frente do retrato e diz as palavras diferente, bonita.” (Seu Otaciano).

Danças

BRINCADEIRAS DE FOLIA

As brincadeiras de folia feitas no assentamento são a curraleira e o lundu. Em cada casa que passam e no dia do arremate, os foliões fazem as brincadeiras de folia, após fazerem os cantórios. As brincadeiras são partes fundamentais das folias, juntamente com o cantório. Elas são feitas imediatamente após o cantório, ainda dentro da casa do morador. O cantório e as brincadeiras são complementares, apesar de tratarem de temas diferentes (o cantório fala de temas sagrados e as brincadeiras de temas profanos): “...o cantório é como se fosse uma oração, então a curraleira também eles usa. É uma música mais disfarçada um pouquinho, mas vai acompanhando mais ou menos no giro. Curraleira não é uma oração, é uma brincadeira, mas faz parte da oração.” (Idelino).

Curraleira

Dança comum em outras regiões rurais em que se fazem folias, é também chamada de quatro. Os foliões se posicionam em duas filas. Assim que começam a tocar e cantar, a dança inicia-se. Os foliões formam uma roda, retornam a seus lugares e depois trocam. Na ‘troca’ ou ‘trança’, forma-se um emaranhado pelos foliões que parece não ter ordem alguma, mas assim que acaba o trançado todos retornam a seus lugares originais.

“Curraleira é uma dança. Não sei assim a origem da curraleira, mas na região de Januária eles chamam de quatro, tanto dança de quatro pessoas, quanto de seis se for o caso. A curraleira é do número certo, não pode errar, que é oitavado, faz o trocado. Aqui dança com oito, mas dança com dez e com doze também, mas se o cara não for treinado ele perde, mais fácil é com oito, o certo é oito.” (Idelino)

Lundu

As músicas do lundu também são ‘tiradas’, como as da curraleira. Os instrumentos usados no lundu são viola, violão, caixa, pandeiro e triângulo. As temáticas abordadas são semelhantes, algum acon-

tecimento engraçado ou curioso que aconteceu pode virar tema de um lundu: “Mesmo esses lundu e curraleira mais antigo foi alguém que tirou. Aconteceu alguma coisinha e eles tira, e se a história for boa, pega. Nem que acrescenta mais um pouquinho do que não foi acontecido, muda um pouquinho, mas tem o motivo.” (Idelino).

Guaiano ou Guaiana

O Guaiano ou guaiana, chamado de catira em outras regiões, é uma dança que envolve sapateado e a batida de palmas. O único instrumento usado é a viola. O canto é semelhante a uma moda de viola, mas há a alternância do canto com as palmas e o sapateado: “Tem outra dança que tratava de guaiania e tratava de catira, essa é mais bonita que a curraleira. (...) Sapateia, bate palma e torna a sapatear, aí roda e troca. Quem sabe a guaiana aqui é Tasso, Nazário, Vêi Maximo, Tercílio. Do tempo que eu girava folia pra cá eles nunca mais dançaram guaiana, e o pessoal tudo falava que dançava. Acho que por causa da curraleira perdeu a guaiana. A região nossa aqui é mais a curraleira, lundu já é menos.” (Idelino).

Danças de Terreiro ou Danças de Roda

Também chamadas de Danças de Roda, são várias as danças de terreiro que animavam as festas da região. Porém, atualmente, não são mais dançadas na comunidade e apenas as pessoas mais velhas sabem dançar.

Várias eram as danças, mas todas incluíam a formação de roda. Quem errasse o passo era tirado da roda e todos riam, debochando de seu erro: “É um círculo de gente, ali todo mundo vai cantando, jogando o verso e rodando. Quem errar, sai fora. Na hora que erra diz: ‘Queimou! Pode sair fulano, você não serve não, pode sair!’” - (D. Arvanja)

As letras das brincadeiras de roda são construídas sobre uma base ou refrão e variam de acordo com os versos jogados, com as improvisações feitas na hora.

Cantada por D. Nica: Oh caninha verde, ô lêlê verde caninha. Eu não vou na sua casa pra você não vir na minha (...) Caninha, cana verde, ô lêlê verde caninha, Eu não vou na sua casa, pra você não vir na minha. Você fuma o seu cigarro nem uma fumaça me deu. Eu tenho palha, eu tenho fumo. Também vou fazer o meu. Caninha, cana verde, ô lêlê verde caninha, Eu não vou na sua casa, pra você não vir na minha...

Cantada por D. Arcanja: Minha caninha verde, oh minha verde caninha, eu não vou em tua casa, pra você não vir na minha. Eu plantei a minha cana na fronha do cabeceiro, minha mãe me casou logo pra eu largar dessa canseira...

As danças de roda ou danças de terreiro eram praticadas por todos, homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos. O sentido de comunidade era fortalecido também por meio destas danças. Momento em que todos sentiam-se incluídos, desde os mais velhos até os mais novos e os jovens aproveitavam esse momento pra paquerar, “apertando mais forte a mão da moça”, como disse Seu Otaciano. Apesar de não serem mais praticadas,

elas ainda são muito lembradas e existem pessoas que sabem cantá-las e dançá-las. Estas danças expressam, mais do que tudo, um sentido de partilha e de alianças.

REZAS

Existe um repertório de rezas na comunidade para ocasiões específicas. São ladainhas, ofícios, benditos e inselencas usados como forma de comunicação com o sobrenatural, cada uma é usada em certas ocasiões específicas. As comunidades rurais, geralmente afastadas ou desassistidas pela igreja, desenvolveram um catolicismo próprio em que as rezas são fundamentais para proteger as plantações, curar doenças, e até conduzir ou encomendar as almas dos mortos.

O cântico da paixão, de acordo com seu Tasso, era entoado na semana santa por ocasião do “beijamento” dos pés de cristo: Lá no céu tem uma rosa/Dentro dela resplendor/É feliz e é ditoso/Quem beijar os pés do Senhor/Lá no céu tem duas rosas/Dentro dela resplendor/É feliz e é ditoso/Quem beijar os pés do Senhor/Lá no céu já tem três rosas/Dentro dela resplendor/É feliz e é ditoso/Quem beijar os pés do Senhor...

As ladainhas são as rezas cantadas, muitas são cantadas em latim, transmitidas oralmente geração após geração: ‘Inselença, ofício, ladainha. A gente rezava ladainha também, tinha a ladainha dos mortos que gente rezava pra eles: ‘Órais por ele, kyrie eleisone/ Órais por ele, cristhe eleisone dinovi/ Órais por ele’.

O ofício é uma oração que pode ser rezada em ocasiões especiais ou apenas para pedir proteção. Pode ser rezada para os vivos e para os mortos, como relatou Seu Otaciano: “O ofício é uma oração muito linda, que é da Virgem Imaculada Conceição, pra fugir das tentação. É a melhor reza que tem, porque o tinho, o inimigo que é o demônio, das outras rezas ele tem medo mas diz que não importa muito não, mas o ofício se começou ele casca fora. O ofício é sempre da Virgem Imaculada Conceição. A incelença é de defunto, é pra quem morre, e o ofício é pros vivos, mas pode rezar pra quem morreu naquela toada. A ladainha é pra gente vivo, se rezar pra gente morto é naquela toada que Nica rezou lá. Tem diversas toadas pra gente vivo.”

Trecho de ofício pra gente vivo: “Deus e santa virgem/ senhora do mundo/ rainha do céu/ que vem das virgem virgem.”

Trecho de ofício pra gente morta: “Deus vos salve virgem/ senhora do mundo/ rainha do céu/ que herdais virgem virgem.”

Inselencas

Pessoas presentes no velório. Dizem que quem é dono do morto, ou seja, da família do morto não deve cantar, pois ‘o povo fala que faz mal, a gente fica meio apaixonado’, explicou Gumerindo. Quem canta são os amigos, vizinhos e parentes mais distantes presentes no velório.

“Depois que eu mudei aqui pro assentamento nem fui em velório mais. Só fui no velório de meu sobrinho, e Raimunda

rezou, ela rezou umas rezas lá. Eu não gosto mais não, e não é só eu, a metade do povo já não tá mais usando isso, de premeiro rezava e era muito, na hora que morria a pessoa colocava lá, era pra rezar a noite inteira até amanhecer o dia, até a hora do enterro. Eles falam assim que nós tem cuidar de nós é vivo. Eu aprendi era novo, com meu povo, minha mãe, as outras pessoas velhas, tinha uma mulher velha que morava na vargem bonita e chamava Argelina, nois aprendeu com ela essas rezas, esses benditos. Eu via essas velhas cantar e aí como sou curiosa eu aprendi. Eu ensinei também, cantava com os mais novos. Quem cantava era mais o povo de lá. Do Rio Preto, de vargem Bonita.” (D. Nica)

DOCUMENTAÇÃO SONORA DA MUSICALIDADE DO ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO E ARREDORES

*Por Roberto Corrêa**

A Musicalidade do Assentamento São Francisco está identificada com os fazeres musicais comuns à região do Brasil Central, como Folias, Catiras, Lundus e Rezas. No entanto, talvez pela localização geográfica do Parque Grande Sertão Veredas – na trijunção entre Minas gerais, Goiás e Bahia – encontramos fragmentos musicais de manifestações típicas da região Nordeste brasileira como o Coco e a Embolada. Algumas manifestações como as Folias, as Rezas e brincadeiras como o Lundu e a Curraleira estão ainda no cotidiano das pessoas. Outras expressões como as Danças de Roda, a Guaiana, os Cocos e as Inselenças já estão praticamente em desuso.

A instrumentação utilizada é a característica da região central brasileira: viola, violão, caixa e pandeiro. A sanfona apareceu, quando da nossa visita, em um baile na sede do Assentamento, todavia não foi utilizada nas manifestações que registramos, pois espontaneamente os membros da comunidade não a incluíram na execução para a documentação de suas práticas musicais ancestrais.

O texto cantado esteve presente em todos os registros sonoros e eram quase sempre entoados em duetos, em intervalos de terças. Este intervalo marca a música cantada popular e tradicional do Brasil Central, sua noção é intuitiva, parecendo estar arraigada na alma de seu povo. A sensação do intervalo é mantida mesmo quando as vozes estão em oitavas diferentes, como é o caso do dueto entre a voz masculina e a voz feminina. Neste caso, os duetos, na verdade, resultam em intervalos de sextas ou décimas, mas preservam a sensação dos intervalos de terça. Classificamos o conteúdo musical documentado da seguinte forma:

CANTORIOS DE DEVOÇÃO — *Cantorio de Folia de Reis, Cantorio da Folia do Divino, Agradecimento de Mesa, Cântico de Louvor, Inselenças, Cântico da Paixão e Rezas*.

BRINCADEIRAS DE FOLIA — *Curraleiras, Guaiana e Lundus*

CANTO DE TRABALHO — *Canto de “Roda de Farinha”*

DANÇAS DE RODA

OUTROS CANTOS — *Romance, Coco Travado, Desafio de Embolador e Enumeração*

Alguns membros do Assentamento foram fundamentais para nossa documentação sonora pelo fato de estarem atuantes dentro da comunidade e também por guardarem na memória a música que ouviam quando crianças nas celebrações e contextos sociais que já não mais existem. Os cantadores ou músicos que se apresentaram com destaque, e que identificamos como fundamentais para a prática, repasse e continuidade da Musicalidade do Assentamento são: Otaciano Francisco das Neves (Seu Tasso); Antônio Lopes Batista (Ferro Velho); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (Idelino); Glinercino Pereira Saraiva (Gugu); Minervina Francisca das Neves (Dona Nica); José Pereira da Silva (Pela Porco) e Terílio Costa Barbosa. Também participaram das gravações: Joaquim Barbosa das Neves (Quinquinha), Odilon Pereira Goes e Arcanja Barbosa dos Santos.

O registro sonoro é apresentado em dois CDs e constitui parte fundamental da documentação da Musicalidade do Assentamento. Além da melodia e do ritmo, a documentação em áudio abrange os sotaques, as formas de se entoarem as vozes, a sonoridade dos instrumentos, os timbres, a liberdade dos tempos, e outros elementos musicais que não são possíveis de serem transcritos para a pauta musical, mas que, no seu conjunto, definem a sonoridade típica das manifestações. Todos estes elementos são constituintes da Musicalidade, do fazer musical da comunidade. Partindo deste princípio, fundamentamos nosso trabalho na qualidade máxima de captação das músicas, respeitando a espontaneidade dos tocadores (interpretação) e a hierarquia musical de cada música (diferenciando os planos musicais de acordo com sua importância na expressão musical).

O material selecionado para os dois CDs identifica a riqueza e a diversidade musical do Assentamento São Francisco e Arredores. Os CDs apresentados não compõem a totalidade dos registros executados, mas sim uma seleção representativa da Musicalidade do Assentamento. As músicas e cantos gravados estão apresentados nos CDs na íntegra, não houve cortes em uma mesma execução.

As Expressões Musicais

Cantorios de devoção

Cantorio de Folia de Reis: O Cantorio da Divindade dos Três Reis Magos segue o modo mais usual de se cantar Folias no noroeste de Minas Gerais e no estado de Goiás. O guia puxa o cantório, acompanhado de seu ajudante, em dueto. Eles cantam os dois primeiros versos de uma quadra de sete sílabas e, em seguida, o

contraguia e seu ajudante, também em dueto, respondem, cantando os mesmos versos. No Brasil Central, tradicionalmente, as Folias de Reis giram à noite. No entendimento dos foliões a estrela-guia aparecia ao escurecer, conduzindo os Magos, durante as noites, ao encontro do Menino-Deus. Na gravação o grupo cantou o Nascimento. A instrumentação utilizada foi viola, violão, caixa e pandeiro.

Cantorio da Folia do Divino: Os Ternos giram durante o dia. No entendimento dos foliões o Divino é a luz, por isso a tradição do giro no claro do dia. O Cantorio do Divino registrado no Assentamento seguiu o mesmo padrão de vozes empregado no Cantorio de Reis e a instrumentação manteve-se a mesma.

Agradecimento de Mesa: Atividade que faz parte do ritual das Folias. É cantada, antes ou depois das refeições, nos pousos. Os foliões cantam parados ou girando ao redor da mesa. Alguns guias de folias usam também as denominações “Bendito de Mesa” e “Saudação de Mesa”.

Inselenças: Cantos para encaminhamento das almas. Este tipo de canto foi cultivado nas comunidades isoladas, onde a ausência de padres era suprida pelos rituais da religiosidade popular, por ocasião dos sepultamentos. O número de repetições (uma inselença, duas inselenças) varia de uma região para outra. Na região do Parque Grande Sertão Veredas, de acordo com Glinercino (Gugu), a Inselença se cantava oito vezes. Outras regiões brasileiras adotam a expressão “Recomenda”, “Encomenda de Almas”, ou ainda “Excelência” ou “Excelência”, para o mesmo fim.

Cântico da Paixão: De acordo com Seu Tasso, era entoado na Semana Santa por ocasião do “Beijamento” dos pés de Cristo.

Rezas: As Rezas acontecem no decorrer das funções devocionais ou mesmo isoladamente, obedecendo ao calendário de santos ou em pagamento de promessas. Em geral, nas Rezas, uma pessoa puxa o canto, geralmente com um ajudante, em dueto, e as demais pessoas respondem em várias vozes. Documentamos uma Reza na comunidade do Grotão da qual selecionamos dois momentos: “Bendita de Deus” e “Adeus minha lapinha”. Nesta ocasião foram cantados também trechos de ladainha em latim.

Brincadeiras de Folia

São danças que fazem parte da Divindade.

Curraleira: É uma dança típica do Brasil Central e encontrada na região do Parque Grande Sertão Veredas com muito vigor. É dançada por um número par de pessoas, geralmente oito, os tocadores inclusive. Assemelha-se à dança designada por “Quatro”. As músicas são pequenas, as letras geralmente descrevem alguma situação passada com pessoas da comunidade. O cantador auxiliado de ajudante canta, ou tira, sua própria curraleira ou relembra curraleiras antigas, aprendidas com seus pais e avós.

Guaiana: A Guaiana ou Guaiano é similar ao Catira. É uma função formada por dois cantadores e por vários pares de dançadores que sapateiam e batem palmas. No decorrer da função acontecem dois momentos de cantoria: A Moda-de-Viola e o Recortado. A Moda-de-Viola é uma narrativa cantada. Depois de uma ou duas estrofes da Moda o violeiro repica a viola para acontecer a dança. O Recortado acontece logo em seguida, ao final da Moda. Os seus versos são jocosos, aleatórios ou no assunto da Moda que foi cantada. Na Guaiana que registramos foi cantado a Moda-de-Viola e o Recortado, porém a dança não foi executada.

Lundu: É uma dança de caráter lúdico e ao mesmo tempo provocativo. Também pode ser tirada pelos cantadores, assim como a curraleira. Em alguns lugares várias pessoas entram na roda a dançar, cada um à sua maneira. Em outros, a dança apresenta um caráter de desafio: a pessoa entra na roda e desfia seu repertório de meneios e peripécias finalizando a dança com uma vênia, um gesto ou mesmo uma umbigada, em alguém da roda intimando-o a dançar no centro da roda. No Assentamento, na explicação de Idelino:

Canto de Trabalho

Os cantos de trabalho ocorrem no decorrer da lida coletiva. Nas atividades onde as pessoas se reúnem para execução de um serviço. No Assentamento, gravamos cantos de fazer farinha.

Danças de Roda

As Danças de Roda, também chamadas Brincadeiras de Roda e Danças de Terreiro, aconteciam durante os festejos. Na sede do Gentio as pessoas da comunidade se reuniram e dançaram para documentarmos as danças. Para compor uma faixa do CD I (faixa 4) realizamos a junção dos cantos de várias danças: Meu limão, meu limoeiro; Tamanduá; Oriri, orirai (Ariri); Cana verde; Peru; e Carneiro. Na casa de Dona Arcanja, gravamos Gugu e Dona Arcanja lembrando cantos de danças de roda (CD II, faixa 4): Bananeira; Mulatão; e Mergulhão.

Outros Cantos

Romance: É um poema cantado, de origem medieval, que chegou ao nosso país já no início da colonização e que, pela oralidade, foi sendo repassado e recriado pelo nosso povo. São épicos de guerreiros e mesmo de animais. O Seu Tasso nos canta as peripécias de uma onça. Os versos são fragmentados, mesmo assim, nos contam uma interessante estória.

Coco Travado

O Coco é uma dança típica do nordeste brasileiro, geralmente acompanhada com palmas ou instrumento de percussão. O cantador tira o verso e os participantes respondem cantando o refrão. Na gravação realizada na casa de Dona Arcanja foram apresentados Cocos guardados na memória dos cantadores ali presentes, acompanhados com viola ou com viola e caixa. O Seu Tasso referiu-se a este tipo de Coco como Coco Travado.

LEGENDAS E CRÉDITOS



CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



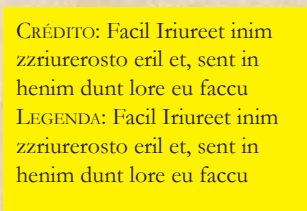
CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



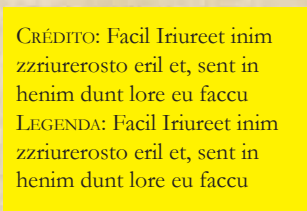
CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



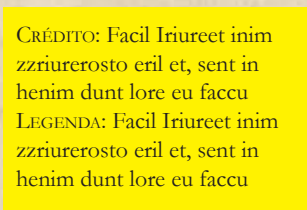
CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



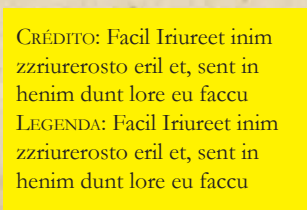
CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



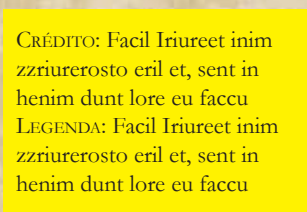
CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzziurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzziurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



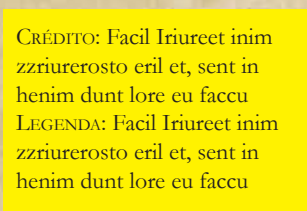
CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzziurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzziurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



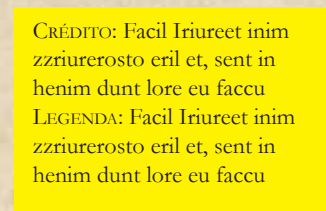
CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



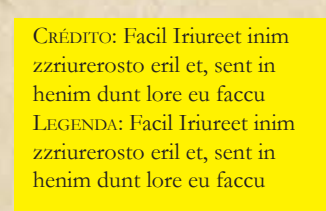
CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



CRÉDITO: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu
LEGENDA: Facil Iriureet inim
zzriurerosto eril et, sent in
henim dunt lore eu faccu



FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO
– IPHAN

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
Departamento de Patrimônio Imaterial - DPI
Presidente - LUIS FERNANDO DE ALMEIDA
Diretora do Departamento de Patrimônio Imaterial –
MÁRCIA GENÉSIA DE SANT’ANNA

EXECUÇÃO

Fundação Pró-Natureza – FUNATURA
Presidente – HENRIQUE BRANDÃO CAVALCANTI
Superintendente Executivo – CESAR VICTOR DO ESPÍRITO SANTO
Presidente do Conselho de Curadores – LUIS VAN BEETHOVEN B. DE ABREU

APOIO

ASSOCIAÇÃO RURAL SERTÃO VEREDAS

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos da comunidade do Assentamento São Francisco pela parceria na realização deste projeto e por compartilharem conosco um pouco de sua história e seus saberes.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:

Comunidade Cajueiro, Comunidade Grotão, Dona Rosário e família, Seu Elias, Dona Arcanja, Dona Lúcia, Dona Maria, Dona Lu, Galdino e Regina, Gumercindo, Seu Otaciano, Dona Nica, Seu Miguel, Seu Alberto, Dona Chica, Ivan, Idelino, Gaúcho, Seu Aneandro, Dona Júlia, Dona Ambrosina, Quinquinha, Ferro Véio, Dete, Dona Argemira, Marião, Nega, Odilon, Seu Tercílio, Zé Preto, Pela Porco, Dão Cheque, Manoel Tipóia, Aldelino, Hélio, Sr. Maximo e Dona Delfina, Fernando, Valdomiro e Maria José, Elias, Antônia Aparecida, D. Benedita, Coquinho, Seu Carmosino, Marcio Chaves, Wagner Chaves, Arcanjo Daniel e Paulo Henrique (Funatura).

INSTITUIÇÕES:

IBAMA de Chapada Gaúcha/MG, Câmara de Vereadores de Formoso/ MG, Prefeitura Municipal de Formoso/MG - Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Educação, Departamento de Ação Social -EMATER, Papel do Cerrado e Triade Patrimônio e Turismo.

EQUIPE TÉCNICA

Supervisão Geral - FUNATURA – CESAR VICTOR DO ESPÍRITO SANTO
Acompanhamento Técnico - IPHAN – ANA JULIETA TEODORO CLEAVER

JOÃO BATISTA DE A. COSTA – Antropólogo - Coordenação Antropológica
HELENA OLIVEIRA – Arte-Educadora - Coordenação Executiva e Pesquisa de Campo
KARINA CANÊDO – Antropóloga - Pesquisa de Campo
LANA GUIMARÃES – Turismóloga/Fotógrafa - Registro Visual - Fotografia
ALEXANDRE JORGE PÁDUA – Linguista - Assistência de Campo
Colaboração: ANDRÉ SANTÂNGELO – Fotógrafo

Fase II - Identificação

EQUIPE TÉCNICA

Supervisão Geral - FUNATURA – CESAR VICTOR DO ESPÍRITO SANTO
Acompanhamento Técnico - IPHAN – MÔNIA SILVESTREIN
Coordenação Executiva – HELENA OLIVEIRA
Pesquisa e Sistematização de Dados – THAÍS TEIXEIRA DE SIQUEIRA E HELENA OLIVEIRA
Fotografia – LANA GUIMARÃES
Consultor em Música – ROBERTO CORRÊA
Consultoras em Antropologia – INÊS ZATZ E THAÍS TEIXEIRA DE SIQUEIRA
Assistentes de Campo – MÁRCIO CHAVES, IVANILTO ROCHA, ROSELITO “GAÚCHO”, ARCANJO DANIEL E PAULO HENRIQUE

Fase III - Documentação

EQUIPE TÉCNICA

Supervisão Geral - FUNATURA – CESAR VICTOR DO ESPÍRITO SANTO
Acompanhamento Técnico - IPHAN – MÔNIA SILVESTREIN
Coordenação Executiva – HELENA OLIVEIRA
Design Gráfico – PEDRO MATALLO
Assistente de Imagens – LANA GUIMARÃES



APOIO: ASSOCIAÇÃO RURAL SERTÃO VEREDAS